

Diálogos com a Pedra

Roberto Conduru



Localizada no sopé do Morro da Conceição, no bairro da Saúde, na área central do Rio de Janeiro, a Pedra do Sal foi local de chegada e permanência de africanos e afro-descendentes, estando vinculada à diáspora africana, à escravidão e à migração interna, sobretudo da Bahia para o Rio de Janeiro no século XIX. Em torno dela se constituiu uma comunidade fundamental nas histórias das religiões afro-brasileiras e do samba. Por ser um “testemunho cultural mais que secular da africanidade brasileira”, no dizer de Ítalo Campofiorito, a Pedra do Sal foi tombada, em 1984, pelo Instituto Estadual do Patrimônio Cultural. Seu processo de tombamento é paradigmático, pois, segundo Eucanaã Ferraz, “ao incluir em sua lista de bens a serem protegidos um ‘monumento negro’, a instituição reavaliava o papel dos negros como produtores de bens culturais e, simultaneamente, procedia à crítica de seus pressupostos teóricos”.

Em resposta ao Edital Arte/Patrimônio, lançado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, em 2007, para fomentar propostas de reflexão sobre o patrimônio cultural brasileiro pelas artes contemporâneas, Rafael Cardoso fez a curadoria do projeto "Intervenção Artística no Morro da Conceição". Propôs a 18 artistas criarem ações temporárias e específicas para espaços públicos do Morro, promovendo a interação entre artistas e comunidade do local. Entre as intervenções realizadas em 12 e 13 de abril de 2008, podem ser destacadas aquelas direta ou indiretamente vinculadas a questões da cultura afro-brasileira: *Hidraera*, de Davi Cury, *Até onde o mar vinha*, *Até onde o rio ia*, de Guga Ferraz, *Tombamento*, de João Modé, e a instauração sem título de Marcos Chaves, as quais foram pensadas para a Pedra do Sal.



A intervenção de Guga Ferraz se compunha de duas caixas de som que reproduziam o som de mar batendo em rochas. Valendo-se dos cruzamentos sensoriais da arte contemporânea, instaurava uma sonoridade plástica ao nos lembrar que a Prainha, que dá nome ao largo próximo, anteriormente chegava até a Pedra do Sal, nos fazendo reavaliar

os sucessivos aterros que afastaram a orla da cidade de seus limites naturais.

No processo de redesenho urbano, a Pedra não saiu ilesa, pois foi ocupada e parcialmente destruída pela especulação imobiliária. Jogando com a ambigüidade do termo *tombar*, João Modé armou uma banca na qual apresentava estudos, gráficos, fotos e maquetes de sua proposta: demolir o edifício construído sobre parte da rocha, reconstituir sua topografia e criar um espaço público.



Desenhando um arranjo tricolor e tridimensional de mangueiras conectadas em casas da vizinhança para capturar água e liberá-la na rocha, Davi Cury também tinha um sentido crítico e poético. Era simbólica sua lavagem da Pedra do Sal. O discreto vapor quente que emanou da rocha quando os filetes de água rolaram sobre sua pele fez pensar em dor e sofrimento afro-descendente, mas não só nele.

Marcos Chaves também quis homenagear as pessoas que penaram na Pedra do Sal. Assim, distribuiu velas de citronela (em função do surto de dengue que assolava a cidade) para que as pessoas acendessem-nas

sobre a rocha. No anoitecer, o arranjo casual e movente de seres e pontos de luz amarelos instaurou um clima evocativo das práticas religiosas no local.

Da rememoração à homenagem, em tom crítico, solene, lúdico e/ou irônico, essas intervenções abrem questões. Permitem pensar na ampliação dos processos e modalidades da arte contemporânea. Em como os diálogos artísticos com as culturas afro-brasileiras se concentram nas religiões e, secundariamente, na problemática social. E no manancial de leituras e ações latentes no patrimônio cultural afro-descendente.

REFERÊNCIAS

– FERRAZ, Eucanaã. *O tombamento de um marco da africanidade carioca: a Pedra do Sal*. In: Revista do Patrimônio, IPHAN, n. 25, 1997, p. 334-339.

– <http://forumpermanente.incubadora.fapesp.br/portal/.rede/arte-e-patrimonio/projetos-1/intervencao-artistica-no-morro-da-conceicao/intervencao-artistica-no-morro-da-conceicao/>

– <http://picasaweb.google.com/pauloinnocencio/MorroDaConceiO13Abril2008#>

sobre o(a) autor(a):

Roberto Conduru é historiador da arte, professor no ProPEd e no PPGARTES, diretor do Instituto de Artes da UERJ, pesquisador pró-cientista da UERJ, Jovem Cientista do Nosso Estado da FAPERJ e bolsista de Produtividade do CNPq.